

Heliana revoluciona a história? A alegria como prova dos nove da vida militante

Does Heliana revolutionize history? Joy as the crucial test for militant life

Arthur Arruda Leal Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este artigo busca trabalhar a questão da militância centrada na história, conforme o trabalho de Helena Conde Rodrigues, destacando as lutas e as questões atuais deste campo. De modo mais específico, é tomado o caso da história da psicologia, onde é examinada a militância da autora em termos de escritos, cursos, grupos de trabalho e congressos. A conclusão do trabalho aponta para uma forma de militância singular onde o riso e o humor se colocam como armas fundamentais de combate aos lugares comuns e aos usos reificadores da história. Ao final do trabalho é acrescentado como adendo, um programa de um curso sobre história compartilhado com Heliana Conde.

Palavras-chave: Militância; Historiografia; Nova História; Genealogia.

ABSTRACT:

This article seeks to address the issue of militancy centered on history, according to the work of Helena Conde Rodrigues, highlighting the current struggles and issues in this field. More specifically, the case of the history of psychology is taken, where the author's militancy is examined in terms of writings, courses, work groups and conferences. The conclusion of the work points to a unique form of militancy in which laughter and humor are placed as fundamental weapons in the fight against commonplaces and the reifying uses of history. At the end of the work, a program of a course on history shared with Heliana Conde is added as an addendum.

Key-words: Militancy; Historiography; New History; Genealogy.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88563

O convite de Leandro Carmelini para participar da homenagem a Heliana Conde me lançou num grande dilema: não o dilema de aceitar ou não participar do evento (estava diante dos poucos casos em que o conceito de imperativo categórico kantiano faz sentido). O dilema que me tocava era saber em qual seção eu deveria participar: docência, escrita ou militância.

Escolhi a militância, pois me parecia mais arriscado. E na expectativa de correr mais risco ainda, decidi pensar na militância de Heliana pela história.

Mas antes que possa detalhar os combates pela história promovidos por Heliana, gostaria de fazer uma pequena digressão sobre o campo histórico como cenário de batalhas: como um conjunto de enunciados sobre o passado pode acionar lutas no presente? Parafraseando o sargento *Wardaddy* encenado por Brad Pitt no filme *Corações de Ferro* (AYER, 2014): os ideais são pacíficos, mas a história é guerra. Guerras de historiografias entre historiadores e guerras de versões entre revisionistas. Se a história já valeu um ministério na França absolutista (FOUCAULT, 2001), não é menor a disputa pela memória nos dias de hoje. As disputas não são apenas por uma nobre ancestralidade, mas por uma definição do que somos refletidas nas nossas origens.

Isso é claramente patente no campo da história da psicologia em que os esforços em se tratar uma história estão fortemente associados a busca de um nobre passado e de uma origem que legitime a sua existência atual. Laboratórios, Pioneiros, Grandes Homens, Precursores, disputados palmo a palmo na tessitura de um nobre passado. No entanto o uso legitimador não é o uso exclusivo como exercício no campo histórico; a história pode por vezes funcionar mais como um solvente das figuras presentes do que um adoçante das vaidades. Aqui vamos encontrar por exemplo todo o trabalho de Michel Foucault (1982, 2000), em que a história é derradeiramente um instrumento de guerra para problematizar as certezas chaves do nosso presente. Se pudéssemos colorir com as cores sinalizadas por Nietzsche (2009) na genealogia da moral, teríamos histórias azuladas e histórias cinzentas.

Não é difícil rastrear a posição estratégica de Heliana nos combates entre historiografias e jogos históricos. Essa posição pode ser vista nos seus cursos, em congressos e em grupos de pesquisa. O enfado diante das rodas de apresentação sem fim, o cansaço diante de discussões metodológicas fundamentadoras, o desmonte dos grandes personagens e pioneiros da história da psicologia, coroado pelo único laboratório legítimo de história da psicologia: as trincheiras dos bares onde são fundados vários grupos, o *Laperplex*, o *Careca de saber*, e o *Trecoh*, todos orgulhosamente partilhados por Heliana comigo e amigos. A mesa do bar como espaço de *parresia*, do dizer verdadeiro (FOUCAULT, 2011) e da alegria como prova dos nove (Andrade, 1990) e o riso como instrumento de combate. Aqui a diferença feita por Isabelle Stengers (1997) entre ironia e humor, onde a primeira busca um fundamento último, contrário do segundo, reflete com força estas práticas de combate.

Quanto aos cursos eu pude trabalhar com Heliana em alguns entre 2017 e 2019. As fontes estavam vinculadas principalmente à historiografia foucaultiana, mas cotejando temas

como a nova história, a história oral, e historiadores como Michel de Certeau (1999), Roger Chartier (1996), Carlo Ginzbourg (1986, 1989), Margareth Rago, (1993, s/d), Paul Veyne (1982) e Edward Palmer Thompson (1987). A proposta do curso era mostrar: 1) O cenário das discussões históricas no início do século XX; 2) Os projetos filosóficos arqueológico e genealógico nas suas proposições históricas; 3) o diálogo difícil e sinuoso de Foucault com os historiadores. Apesar da linha do curso ser dado pelas arqueologias e genealogias foucaultianas, havia uma enorme presença de textos de historiadores (ver anexo).

Os trabalhos históricos de Heliana Conde que gostaria de me deter são referentes às passagens de Foucault no Brasil (RODRIGUES, 2016), a desinstitucionalização brasileira (RODRIGUES, 2007) e sobre a História da Análise institucional, seja em cenário global, seja no Brasil (RODRIGUES, 2013, 2020 e 2023). Nestes textos é possível serem vistos alguns dos seus pressupostos de trabalho que a vinculam, não apenas a uma historiografia foucaultiana, mas de uma nova história ao modo de alguns historiadores da psicologia de língua inglesa. Também chamada de *Nova História da Psicologia*, temos aqui um movimento de várias frentes em que historiadores da psicologia problematizavam a história da psicologia canônica de Edwin Boring (1929), Robert Watson (1967) e outros autores clássicos. Assim *Novos historiadores* como Kurt Danziger (1997a, 1997b), Laurel Furumoto (1989), Franz Samelson (1999), Roger Smith (1989) e Robert Young (1966) partilhavam com Heliana Conde, sem qualquer combinação prévia, a recusa ao presentismo, da celebração e do centralismo dos grandes homens, assim como defendiam a circulação dos saberes situados, encarnados vinculados questões presentes. Ainda que sejamos muito conhecedores destes pressupostos, trabalhos históricos com estes pressupostos encarnados são extremamente raros entre nós.

Neste momento cabe a pergunta parafraseada da afirmação de Paul Veyne (1982) sobre Foucault: Heliana revoluciona a história? Aqui cabe uma máxima leminskiana: “distráidos venceremos” (LEMINSKI, 1987). Nossa homenageada não se enxergaria em nenhuma vanguarda ou com a vocação timoneira de guiar e falar pelos demais. Nem certamente em um extrato de tempo diferenciado e hierarquizado em relação aos demais. Aqui podemos ver em vida encarnada a recusa tanto à indignidade de falar pelos demais (FOUCAULT, 1982, 1996) quanto da vocação pastoral da governamentalidade (FOUCAULT, 2006). Um total desamor aos cargos e às políticas da representação. Podemos ver aqui uma militância mais ao modo de uma vida introduzida no não fascismo (FOUCAULT, 1996), onde a ortodoxia e abnegação cederiam ao riso e a parresia bem-humorada. Diante dos esforços de legitimação da criação de grandes marcos e da celebração dos grandes personagens restava

seu humor e uma risada macunaímica consagrada pelo bordão “Que delícia”. *Happiness as a warm gun* (LENNON & MC CARTNEY, 1968). Sem crítica ressentida, sem verdade a ser restituída, sem julgamento das almas bem pequenas (CAZUZA, 1988), sem manuais e guias das verdadeiras práticas.

Apenas uma risada que ainda reverbera entre nós...

Termino esta homenagem com um flerte a Leminiski:

Heliana ou Hossana nas alturas?

Ao transcendental que se atura

Só resta insana imanência

Dessa louca vida breve

Mergulhada em querências

Só resta o humor rente que nem

Pão quente

No desejo, pendulo pendente

De Foucault e toda a gente

Cabe o grito primal

Krigla-bandolo disparado e ardente:

Heliana presente

Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropofágico. In: Nunes, Benedito (Ed.), *A utopia antropofágica* (pp. 47–52). São Paulo: Globo, 1990.

AYER, David. *Corações de Ferro*. Los Angeles: Columbia Pictures, 2014.

BORING, Edwin. *A history of experimental psychology*. New York: Century, 1929.

DE CERTEAU, Michel - *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999 (P.35-53; p.111-117)

CAZUZA. Blues da Piedade. In: *Ideologia*. Rio de Janeiro: Phillips.

CHARTIER, Roger. “Estratégias y tácticas. De Certeau y las ‘artes de hacer’”. Em: *Escribir las prácticas. Foucault, De Certeau, Marin*. Buenos Aires: Manantial, 1996.

Danziger, Kurt. The moral basis of historiography. *History and Philosophy of Psychology Bulletin*, 9, 1997a, pp.6-15.

Danziger, K. *Naming the mind: how psychology found its language*. London: Sage, 1997b.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença. 1989.

- FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. Em *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica de Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: Uma introdução à vida não facista. In: *Cadernos de Subjetividade*. Número especial, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *É preciso defender a sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Seguridad, Territorio y Población. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2006.
- FOUCAULT, Michel- *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FURUMOTO, Laurel. The new history of psychology. Em I. S. Coehn (Org.). *The G. Stanley Hall lecture series* (pp. 9-34). American Psychological Association, 1989. Recuperado em 5 de novembro, 2021, de <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/10090-000>,
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Em: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LENNON, John. & MC CARTNEY, Paul. Happiness is a warm gun. In: *White album*. Londres: Apple, 1968.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. *Resgate* nr. 5, 1993.
- RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. Mimeo, s/d.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde – Michel Foucault, as marcas da pantera e a pantera cor-de-rosa. Apontamentos sobre o processo de desinstitucionalização psiquiátrica. *Vivência*, nr. 32, 2007.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. “Sejamos realistas, tentemos o impossível!” Desencaminhando a Psicologia através da Análise Institucional. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 609-657). Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *As subjetividades em revolta. Institucionalismo francês e novas análises*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *No rastro dos cavalos do diabo: Memória e história para uma reinvenção de percursos do grupalismo-institucionalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023.

SAMELSON, Franz (1999). Assessing research in the history of psychology: past, present, and future. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 35, 1999, pp. 247–255. Recuperado em 20 de março, 2021, de [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1520-6696\(199922\)35:3%3C247::aid-jhbs4%3E3.0.co;2-g](https://doi.org/10.1002/(sici)1520-6696(199922)35:3%3C247::aid-jhbs4%3E3.0.co;2-g)

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 1997.

SMITH, Roger. Does the history of psychology have a subject? In: *History of the Human Sciences*. Vol. 1, nº 2, 1988.

THOMPSON, Edward. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade*. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VEYNE, Paul. “Foucault revoluciona a história”. Em: *Como se escreve a história*. Brasília: EUB, 1982

YOUNG, Robert. Scholarship and the history of the behavioural sciences. *History of science*, 5(1), 1966, pp. 1-51. Recuperado em 3 de outubro, 2021, de <https://doi.org/10.1177%2F007327536600500101>

WATSON, Robert. Psychology: a presentive science. In: *American Psychologist*, vol. 22, 1967.

Anexo 1

ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA E POLÍTICA III (PPGP/UFRJ) TEMAS AVANÇADOS EM PESQUISA DA SUBJETIVIDADE III (PPGPSI/UFF)

FATOS E ARTEFATOS II (HCTE/UFRJ)

Título: FOUCAULT, a HISTÓRIA e os HISTORIADORES

Profs: Heliana de Barros Conde Rodrigues e Arthur Leal Ferreira

E-mail: helianaconde@uol.com.br e arleal1965@gmail.com

Horário: 5ª feira de 14 às 17 horas.

Início: Dia 14 de março

Local: Sala geral do PPFH: 12111-F.12º andar da UERJ

Programa: A disciplina visa discutir as múltiplas entradas pela história por parte dos textos foucaultianos, cotejando aproximações e contrastes com a história das ciências, o marxismo, a nova história, a micro-história e outros movimentos, além de dar conta dos processos de transição de tais textos.

- 1 – Há muitas famílias na tribo de Clio – campos e canteiros da História

BIBLIOGRAFIA:

BURKE, P. – “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. Em: BURKE, P. (org.) – *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992)

SIMIAND, F. – *Método histórico e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2003 (p.7-24; p. 27-64; p. 103-116)

FOUCAULT, M – *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987 (Introdução: p. 1-20).

- 2 – Foucault revoluciona a história?

VEYNE, P. – “Foucault revoluciona a história”. Em: *Como se escreve a história*. Brasília: EUB, 1982

FOUCAULT, M. – “Nietzsche, a genealogia e a história”. Em *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979

- 3 - A arqueologia do saber, a história das ciências, o marxismo e as novas histórias

FOUCAULT, M.- *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Prefácio)

FOUCAULT, M. – “Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia” (1968). Em *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

FOUCAULT, M. - Resposta a uma questão (1968). *Tempo Brasileiro - Epistemologias*, nr. 28, jan-mar 1972

- 4 - Poder, poderes...nomes para exercícios

QUEIROZ, A - *Foucault: o paradoxo das passagens*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999 (p. 39-79)

FOUCAULT, M. - *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (aula de 7/01/76, p. 3-26)

DELEUZE, G. – *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988 (capítulo “Um novo cartógrafo”, p. 33-53)

- 5 - Um pouco de possível...senão sufoco

FOUCAULT, M. - *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984 (Introdução, p. 9-31)

FOUCAULT, M. – “A ética do cuidado de si como prática da liberdade; Uma estética da existência” (1984). Em *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

GROS, F. – “Situação do curso”. Em: FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004 (p.. 613-661)

- 6 - A constituição de uma “terra de ninguém” - a poeira e a nuvem na história

FARGE, A – “Frente à história”. Em ESCOBAR, C.H. (org.) - *Michel Foucault: dossier*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984

LÉONARD, J. - “L’historien et le philosophe”. Em: PERROT, M. – *L’impossible prison*. Paris: Seuil, 1980 .

FOUCAULT, M. – “A poeira e a nuvem; mesa redonda de 20/05/1978; posfácio a L’impossible prison”. Em *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

- 7 – Palavras e silêncios dos sujeitos

BRUNI, J.C. - Foucault: o silêncio dos sujeitos. Revista *Tempo Social* 1(1), primeiro semestre/1989

FOUCAULT, M. – “A vida dos homens infames” (1977). Em *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

FOUCAULT, M. – “Bruxaria e loucura” (1976) - Em *Ditos e Escritos I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999

- 8 – Inventando o cotidiano: Foucault e Certeau

DE CERTEAU, M. - *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999 (P.35-53; p.111-117)

FOUCAULT, M. – “Precisões sobre o poder. Resposta a certas críticas” (1978). Em *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

CHARTIER, R. – “Estratégias y tácticas. De Certeau y las ‘artes de hacer’”. Em: *Escribir las prácticas. Foucault, De Certeau, Marin*. Buenos Aires: Manantial, 1996.

- 9 – Tudo resiste, tudo foge: Foucault e Deleuze

DELEUZE, G. - Desejo e prazer. *Cadernos de subjetividade*, Especial Gilles Deleuze, jun/1996 (p.13-25)

FOUCAULT, M. – “O sujeito e o poder”. Em: Dreyfus, H. e Rabinow, P. - *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995 (p.231-249)

FOUCAULT, M. - *A verdade e as formas jurídicas* (1973). Rio de Janeiro: Nau (Primeira aula e debate final)

DELEUZE, G. – “Qu’est-ce qu’un dispositif?” Em *Association pour le Centre Michel Foucault – Michel Foucault philosophe*. Paris: Seuil, 1989 (tradução da Internet).

- 10 - A história ao rés-do-chão: Foucault e a micro-história italiana

REVEL, J. – “A história ao rés-do-chão”. Em: LEVI, G. – *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GINZBURG, C – “Prefácio”. Em: *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 (p. 15-34)

GINZBURG, C. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Em: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ALBUQUERQUE, Jr., D.M. – “Menocchio e Rivière. Criminosos da palavra, poetas do silêncio”. *Resgate* nº 2, 1991.

- 11 – Uma ontologia histórica de nós mesmos

REVEL, J. “O pensamento vertical. Uma ética da problematização”. Em: Gros, F. (org.) *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola, 2004

FOUCAULT, M. - *O que são as luzes?* (1984) Em *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

FOUCAULT, M. – Qu’est ce que la critique? (1978). *Revista da ULA* 8, 1995 (Tradução de Jorge Dávila, Internet)

CHARTIER, R. – “O poder, o sujeito, a verdade. Foucault leitor de Foucault”. Em *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2002.

- 12 – Foucault e a historiografia no Brasil – ressonâncias, resistências

RAGO, M. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. *Resgate* nr. 5, 1993.

RAGO, M. – A “nova” historiografia brasileira. Mimeo, s/d.

RODRIGUES, H.B.C. – Michel Foucault, as marcas da pantera e a pantera cor-de-rosa. Apontamentos sobre o processo de desinstitucionalização psiquiátrica. *Vivência*, nr. 32, 2007.

- 13 – Foucault revoluciona a história?

ALBUQUERQUE Jr, D. M. – “A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia” Em: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

FOUCAULT, M. – “Conversazione com Michel Foucault” (1980) Em *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994 (p.41-96)

Arthur Arruda Leal Ferreira
Instituto de Psicologia/UFRJ
Email: arleal1965@gmail.com